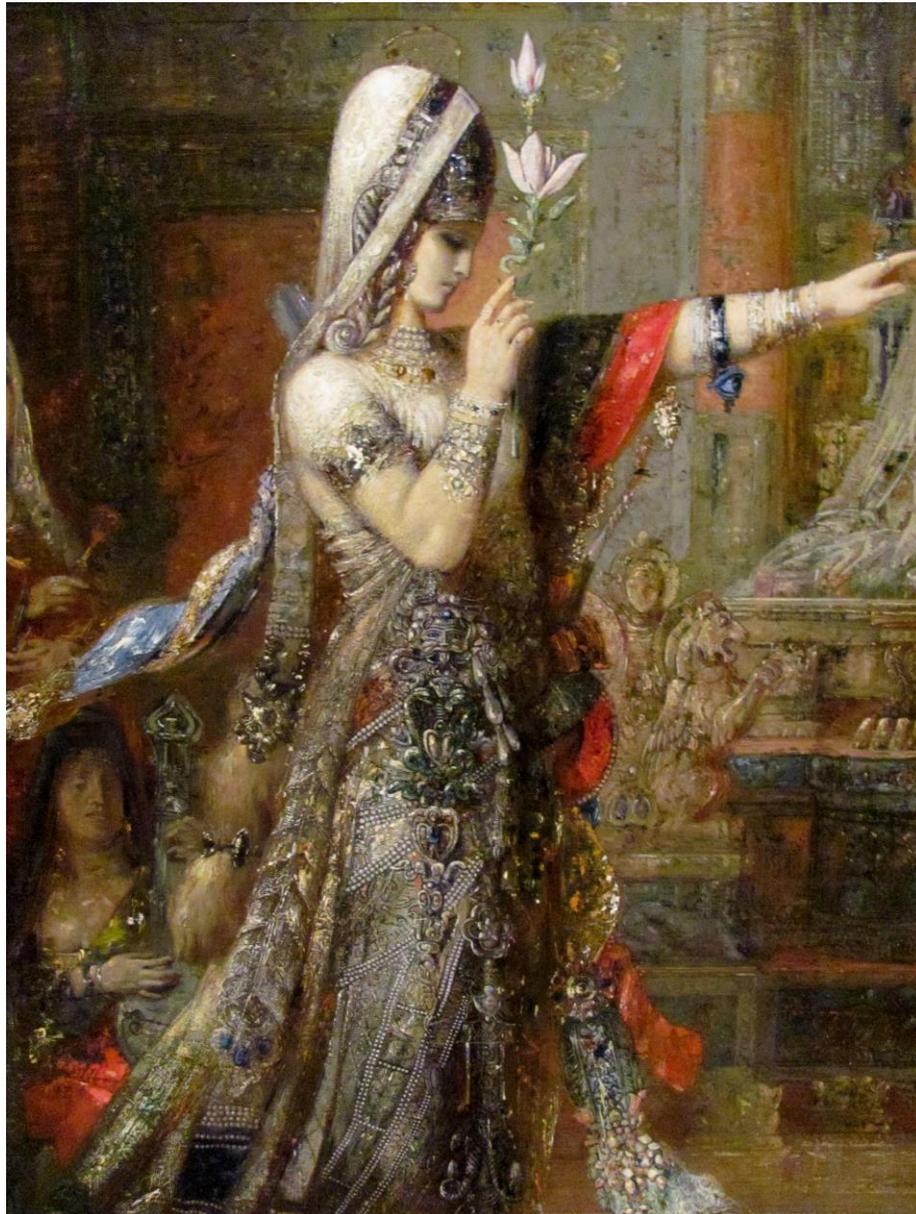


Salomé e a loucura feminina

Taoana Padilha



(Fig.1)

O drama Salomé, escrito por Oscar Wilde em 1892, é a apresentação artística moderna de um relato do Novo Testamento. Na obra, “toda a sensualidade do paganismo bate e soluça contra o coração ascético da cristianidade primitiva”.

A princesa Salomé, dançarina dos sete véus, vive com sua mãe, Herodias, no palácio de Herodes, o Tetrarca da Judéia. Durante uma festa, o Tetrarca não para de olhar para a princesa, que incomodada, retira-se do ambiente... “É estranho que o marido de minha mãe me olhe assim... Não sei o que pensar.” Reflete.

Nesse instante, a voz de Iokanaan, o profeta, ecoa pelo palácio. Voz enigmática que causa o desejo de Salomé. Ela insiste incansavelmente até que o trazem até a sua presença. Iokanaan denuncia Herodias por ter se casado com o irmão de seu anterior marido.

“Para trás filha de Babilônia! Não te aproximes do escolhido do Senhor. Tua mãe empapou a terra com o vinho da sua iniquidade e o clamor do passado já chegou aos ouvidos de Deus”

“Fala mais Iokanaan. Tua voz são para os meus ouvidos uma estranha música.”
Pede a princesa.

Salomé apaixonou-se pelo profeta.

“Amo o teu corpo, Iokanaan. O teu corpo é branco como os lírios da campina que o ceifeiro nunca ceifou; o teu corpo é alvo como a neve das montanhas da Judéia escorrendo dos altos píncaros”

Para o que ele responde:

“Pra trás, filha da Babilônia. Pela mulher veio o mal ao mundo. Não me fales porque não te escutarei. Eu só ouço a voz do senhor.” E Salomé continua: “É hediondo teu corpo. Parece o corpo de um leproso, um muro caído por onde tivessem arrastado víboras, uma parede onde os escorpiões vivem, um esbranquiçado sepulcro cheio de coisas horríveis. O teu cabelo, porém, apaixonou-me.”

Novamente rejeitada continua, mais ainda:

“Oh! Teu cabelo é horrível. Está coberto de lama e pó... Não o amo. É a tua boca que eu desejo, Iokanaan. A tua boca é como uma fita rubra numa torre de marfim, é como

uma romã aberta com uma faca de marfim. Não há nada no mundo mais rubro que a tua boca... Deixe que eu a beije, Iokanaan. Quero beijar a tua boca. Quero beijar a tua boca, Iokanaan!”

A princesa quer o beijo do profeta, que a rejeita veementemente.

“Hei de beijar a tua boca.” Anuncia.

Ao retornar para a festa o Tetrarca pede que Salomé dance. Ela diz que não quer dançar e ele insiste, dizendo que lhe dará o que ela pedir.

“Jura Tetrarca?” “Juro Salomé!” Ele responde.

A DANÇA DE SALOMÉ: (Os músicos começam a tocar. É uma música frenética. Salomé, imóvel de início, levanta e faz um sinal aos músicos que, numa rápida transição, modificam o ritmo impetuoso e passam a tocar uma melodia embaladora e doce. Salomé executa a dança dos sete véus. Parece, por um momento, que vai parar, mas logo recomeça com um entusiasmo novo. Fica um minuto em êxtase à borda da cisterna na qual está aprisionado Iokanaan, e depois lança-se à frente e joga-se aos pés de Herodes.)

Em seguida, o Tetrarca questiona: “O que queres tu? Fala!”

“Quero que tragam já, num grande prato de prata... A cabeça de Iokanaan.” Diz Salomé.

“Pedes bem minha filha” Comenta Herodias.

“Não, não, Salomé! Não é o teu desejo! Não te guies por tua mãe! É mulher que só dá maus conselhos. Não a ouças.” Diz o Tetrarca.

“Não é minha mãe que ouço, é o meu próprio desejo de ver a cabeça de Iokanaan num grande prato de prata. Juraste Herodes, não te esqueças do juramento.” Retruca Salomé.

O Tetrarca oferece os seus pavões mais raros, as suas jóias mais preciosas, mas nada faz com que a princesa mude de ideia:

“Dá-me a cabeça de Iokanaan.”

Caindo na cadeira, Herodes dá-se por vencido : “Que seja feito o que ela pede! É bem filha da sua mãe!”

Em seguida, o executor traz, em uma bandeja de prata, a cabeça de Iokanaan. Salomé toma-a para si e beija a boca do profeta.

“Ah! Beije a tua boca, Iokanaan! Beije a tua boca! Os teus lábios tem um gosto amargo. Era gosto de sangue? Não. Foi talvez o gosto do amor... Dizem que o amor tem um gosto amargo. Mas que importa? Que importa? Beije a tua boca, Iokanaan. Beije a tua boca!”



(Fig.2)

O Tetrarca, voltando-se para a enlouquecida dançarina, ordena: “Matem aquela mulher!”.

Os soldados correm e atravessam com as espadas Salomé, filha de Herodias, princesa da Judéia.

O valor artístico da obra Salomé é incontestável, pois a beleza e a riqueza dos versos e metáforas utilizados por Wilde são inesgotáveis e passíveis de diversas e novas significações. Ainda, faz-se necessário comentar que realizei um recorte de partes do texto para poder articular o que desejo. Para saber mais sobre as mulheres, pergunte aos poetas, é o que Sigmund Freud indica.... O que pode ser articulado sobre o gozo feminino à partir do texto de Oscar Wilde? O que se pode dizer sobre a loucura feminina, tomando como referência a personagem Salomé?

A princesa ouve a voz do profeta e deseja vê-lo. Voz e olhar aparecem logo no início da obra, como os objetos causa de desejo. “Fala mais Iokanaan. Tua voz são para os meus ouvidos uma estranha música.” Ao encontrá-lo, recorta-o em partes, para dele poder gozar. Seu corpo, seu cabelo, sua boca... Rejeitada, Salomé obstina-se, a partir de então, em sua demanda infinita de receber um beijo da boca rubra de Iokanaan.

Jacques Lacan, no seminário ‘a angústia’, ensina que, em uma mulher, a reivindicação fálica – a de obter justamente aquilo que ela não tem - permanece vinculada à mãe, ou seja, à demanda. Desse modo, “É na dependência da demanda que o objeto a se constitui para a mulher.”¹.

Em Salomé, entretanto, observamos que a problemática fálica não consegue responder aos enigmas do feminino. Uma princesa e dançarina sedutora, desejada por um homem muito poderoso, com acesso aos melhores recursos, navega pelos rios que se originam da fonte do significante fálico. Entretanto, isso não é tudo, pois “a mulher revela-se superior no campo do gozo, uma vez que seu vínculo com o nó do desejo é bem mais frouxo.”².

O significante do desejo não responde a questão ‘O que é uma mulher?’ Ou ‘O que quer uma mulher?’. Sendo assim, o gozo que a distingue, o gozo feminino, é para ela própria um enigma. Não é mesmo curioso que Salomé tenha se apaixonado por um profeta? Enquanto místico, Iokanaan manifesta um gozo que não é drenado pelo falo.

No seminário ‘mais ainda’, Lacan introduz as fórmulas quânticas da sexualização. Do lado Homem a exceção – o pai da hora primitiva - funda a regra: todos os homens são submetidos a norma fálica. Do lado Mulher, não há uma exceção – pois não existe uma que não esteja submetida à castração - e portanto, não há uma universalidade. As mulheres

são tomadas uma a uma. “Não existe A mulher, com o artigo definido, para designar o universal. Não existe A mulher já que, por sua essência, ela é não toda.”³.

Tomo Salomé. Não toda submetida à norma fálica, ela possui um gozo a mais, suplementar. Sim, por um lado ela goza do falo, mas por outro ela goza mais além. Há, do lado Mulher, uma duplicação de gozo que pode vir a ser sentida como um excesso. O gozo feminino, que aponta para o significante da falta no Outro, não conhece a Lei . É um gozo sem medida que pode levar ao êxtase e ao deslumbramento, mas também a loucura e a morte.



(Fig.3)

Ela dança; e há nisso uma dimensão erótica, de sedução sexual, mas será só isso? Não pode ser a dança, também, tomada em seu sentido metafórico, como uma forma de expressão de um gozo que não pode ser posto em palavras mas que é experimentado no corpo? “...só há mulher, se posso assim dizer, excluída na natureza das coisas, que é a natureza das palavras...”⁴. Diz Lacan. Com os sete véus Salomé seduz e encanta; produz o mistério e causa o desejo. Os véus fazem semblante, e “o gozo só se interpela, só se evoca, só se suprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência.”⁵. Com a aparência

dos véus o que Salomé vela? A falta-a-ser... O vazio que ela comporta e que veicula a pulsão de morte em sua potência destrutiva.

Ao ver-se rejeitada pelo homem por quem está apaixonada, Salomé vai à loucura. Dança para o Tetrarca que, movido pelo desejo de vê-la dançar, promete realizar o seu capricho. O capricho desmedido da princesa quer o beijo de Iokanaan e a morte é o último limite a ser transposto.

Pode-se pensar que Iokanaan, com seu gozo místico que aponta para o furo do Outro, para a falta radical, convoca, com sua estranheza, com seus enigmas, a loucura do gozo feminino na mulher que por ele se apaixonou? Salomé espera receber do profeta, reconhecido como um verdadeiro sábio, algum saber acerca do feminino? Se 'A mulher' não existe – pois não há no inconsciente um significante que a represente - os efeitos da sua não existência não deixam de existir.

A devastação diz respeito à relação mãe-filha. Segundo Malvine Zalcberg:

a relação devastadora que pode existir entre mãe e filha fala da expectativa da filha de receber uma identificação feminina da mãe exatamente no ponto em que se coloca a impossibilidade de uma transmissão da feminilidade.

Na vida de uma mulher, outros personagens podem vir a ser os depositários dessa demanda de ser. O amor, nesse contexto, surge como semblante que visa assegurar uma certa proteção em relação ao gozo feminino; ilimitado, e por vezes, enlouquecedor. No amor, uma mulher busca significantes que lhe ofereçam uma maior ancoragem no mundo simbólico. Quem sou eu para além do enigma que porto? Quando o amor falha, o gozo solitário revela-se, impiedosamente.

Salomé e Iokanaan são representações que bordeiam o vazio do feminino na cultura, e que, pela incidência de um gozo excluído da linguagem e da Lei, encontram como fim a exclusão e o avesso da própria vida; o destino derradeiro da morte.

Oh! Como te amei! Amo-te loucamente, ainda, Iokanaan, a ti só... Tenho sede da tua beleza, fome do teu corpo e nem o vinho nem os frutos podem desalterar ou acalmar o meu desejo!... Ah! Ah! Por que não me olhaste? Ter-me-ias decerto amado! Bem sei que me terias querido... O mistério do Amor é muito maior do que o mistério da Morte.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Encore 91972-1973). Rio de Janeiro: Escola letra Freudiana, 2010.

WILDE, Oscar. Salomé. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ZALCBURG, Malvine. A devastação: uma singularidade feminina. Rio de Janeiro: Tempo psicanalítico, 2012.

Bibliografia das Imagens

Fig. 1 – Salomé dança para Herodes. Gustave Moreau (1876).

Fig. 2 – Salomé interpretada por Rita Hayworth (1953)

Fig. 3 – Opera Salomé, played by Royal Opera House. (2008)

¹ (LACAN, 2005, 221)

² (LACAN, 2005, p. 202)

³ (LACAN, 2010, p.150)

⁴ (LACAN, 2010, p.150)

⁵ (LACAN, 2008, p.99)